

Prática curatorial educativa

**entrelaçamentos através da aproximação
professor - curador**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Especialização em Práticas Curatoriais

Renan Silva do Espírito Santo

PRÁTICA CURATORIAL EDUCATIVA
entrelaçamentos através da aproximação professor-curador

Porto Alegre
2020

Renan Silva do Espírito Santo

PRÁTICA CURATORIAL EDUCATIVA:
entrelaçamentos através da aproximação professor-curador

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Curatoriais.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Monteiro Schenkel

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Espirito Santo, Renan Silva do
PRÁTICA CURATORIAL EDUCATIVA: entrelaçamentos
através da aproximação professor-curador / Renan Silva
do Espirito Santo. -- 2020.
35 f.
Orientadora: Camila Monteiro Schenkel.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Especialização em Práticas Curatoriais,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. curadoria educativa. 2. arte-educação. 3.
professor-curador. 4. escola. 5. museu de arte. I.
Schenkel, Camila Monteiro, orient. II. Título.

RESUMO

ESPIRITO SANTO, Renan Silva do. **PRÁTICA CURATORIAL EDUCATIVA:** entrelaçamentos através da aproximação professor-curador. 2020. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Especialização em Práticas Curatoriais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

Este projeto curatorial visa entrelaçar e friccionar os espaços e ofícios do curador e do professor através da substituição de seus fazeres. Pelo contato com o outro e com a prática do outro, esses sujeitos são convidados a observar e questionar suas próprias práticas (curatoriais e educativas) quando contidas dentro de um cenário que não pertence ao seu cotidiano. Por meio do exercício da atenção e do distanciamento de sua ação, o projeto pretende analisar o desenvolvimento dos gestos e da potência contida na experiência do olhar para si através do outro. O que, no ofício do curador, existe de professor? O que, no ofício do professor, existe de curador?

Palavras-chave: curadoria educativa. arte-educação. professor-curador. escola. museu de arte.

ABSTRACT

ESPIRITO SANTO, Renan Silva do. **EDUCATIONAL CURATORIAL PRACTICE**: entanglements through the teacher-curator approach. 2020. 35 f. Course Completion Work - Especialização em Práticas Curatoriais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

This curatorial project aims to intertwine and rub the spaces and trades of the curator and the teacher through a temporary change of roles. Through contact with the other and with the practice of the other, these subjects are invited to observe and question their own practices (curatorial and educational) when contained within a scenario that does not belong to their daily lives. With this exercise of attention and detachment/estrangement, the project intends to analyze the development of gestures and the power contained in the experience of looking at oneself through the other. What, in the curator's profession, is significant to the teacher? What, in the teacher's profession, is significant to the curator?

Keywords: educational curatorship. art education. teacher-curator. school. art museum.

SUMÁRIO

1. ARGUMENTO CURATORIAL / STATEMENT	13
1.1 Espaço e acervo	16
1.2 Justificativa/contribuição para o campo das Práticas Curatoriais	18
1.3 Endereçamento de público	18
2. DESCRIÇÃO DO PROJETO	21
2.1 Da seleção dos sujeitos (professor / curador)	26
2.2 Expografia	27
2.3 Ações Educativas	30
2.4 Catálogo e site / Documentação e registro	31
3. REFERÊNCIAS	33

1. ARGUMENTO CURATORIAL / STATEMENT

O projeto *Prática curatorial educativa: entrelaçamentos através da aproximação professor-curador* se constitui do entrelaçamento entre o ofício do curador e o ofício do professor. Propondo promover uma fricção entre práticas através do autorreconhecimento no ofício do outro, professor e curador são convidados a participar de um exercício de atenção que não envolve seus públicos e alunos como de costume, mas um olhar em torno de si mesmos.

Dessa forma, o projeto pretende observar, aproximar e provocar, por meio de experiências e vivências, fricções entre a arte e a educação. A proposta surge através do pensar a relação entre esses ofícios e as afinidades contidas em suas práticas, em como a percepção do fazer do outro dentro do seu próprio fazer pode potencializar seus exercícios cotidianos. O que, no ofício do curador, existe de professor? O que, no ofício do professor, existe de curador?

Através da substituição de espaços e ofícios, por determinado espaço de tempo, professor e curador serão convidados a se submeter a um outro campo de atuação que não o seu. Por meio dessa experiência, o projeto pretende identificar e analisar o desenvolvimento de práticas já existentes – práticas essas do campo de origem do sujeito contidas no novo campo em que está submetido, fazendo

critérios iniciais para participação no projeto. O professor deve, por exemplo, trabalhar ativamente nos anos finais do sistema de ensino local. A proximidade de conteúdos desenvolvidos dentro de sala de aula (previstos para os anos em questão), com as teorias em artes utilizadas e ressignificadas dentro do nosso cotidiano; assim como trabalhar a partir de leituras e renovações de mundo através dessa aproximação, permite que esse sujeito vivencie a prática de forma crítica. O curador, por sua vez, deve ter aproximação com o circuito da arte local, assim como experiência envolvendo práticas curatoriais artísticas. O envolvimento e a sensibilidade das práticas, de pesquisa e aprofundamento, permitem que o sujeito seja sensível a dar-se a ver no gesto (seu no outro / do outro em si). Quanto ao ofício do outro, nem o professor precisa (ou deve) ter experiências práticas em curadorias de arte, nem o curador precisa de experiências com práticas educativas (de escolas ou de museus). A disposição e a atenção depositada no processo, junto à sensibilidade do seu fazer, permite a aproximação e entrelaçamento desses ofícios.

Como projeto que se flexibiliza na medida em que surgem novas questões e situações em seu desenvolvimento, o resultado dessa experiência de prática curatorial torna-se aberto às mais diversas possibilidades. Longe de ser uma rua sem saída, esses trajetos percorridos são resultados de uma experiência única entres esses indivíduos e tudo que os envolve dentro do projeto. A provocação e tensionamento do próprio fazer, no entanto, só é possível através desse distanciamento da prática cotidiana.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2019. p.25)

Através do deslocamento do protagonismo, tornando-se espectador dentro do seu espaço de prática comum, é possível ao sujeito romper com o automatismo da ação diária e se permitir cultivar essa atenção ao gesto. Uma atenção que é própria dessa suspensão e que nos permite ressignificar através do novo olhar. Esse rompimento, esse tempo livre desvinculado do tempo do trabalho, seja na escola ou no museu, permite ao sujeito se expor ao próprio fazer, encontrando-se no fazer do outro. Larrosa, sobre as proximidades entre os campos da educação e da arte, diz que “[...] pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que como uma técnica ou prática. E é verdade que, a partir daí, a partir da experiência, tanto a educação como as artes podem compartilhar algumas categorias comum” (2019, p.12). A partir dessa aproximação por meio da experiência, como apontado por Larrosa, e pensando a respeito da educação contida dentre esses dois espaços educativos (do museu e da escola), podemos encontrar algumas relações que se entrelaçam de uma forma geral.

[...] o sentido das obras de arte e dos objetos depende muito de quando, por que e como elas são apresentadas. O modo pelo qual elas são dispostas para o público muda fundamentalmente a experiência dessas coisas, e os curadores mediam essa visibilidade de inúmeras maneiras. (HOFFMANN, 2017. p.19)

Através do questionar a leitura e interpretação, esses agentes convidam seus espectadores e alunos a revisitar e renovar mundos comuns a eles. Esse ressignificar, contido no exercício do distanciamento e leitura crítica de um mundo comum, segundo Maria Helena Wagner Rossi, “surge a partir do mundo do leitor, pois não existe interpretação desconectada do mundo em que se vive” (2003, p.19).

Portanto, a aproximação entre o sujeito e a arte provocada por essas experiências e sentidos relacionados a esses espaços e ofícios, permitem o entrelaçamento dos campos e o distanciamento da prática para, então, dar a ver aquilo fazemos e que nos faz, como um olhar crítico à prática cotidiana.

1.1. Espaço e acervo

O que falo é quase sempre igual: que a arte e a educação, quando bem compreendidas, são mais ou menos a mesma coisa. (CAMNITZER, 2020)

Além das relações contidas e aproximadas entre ofícios, do professor e do curador, é também importante termos um olhar atento e crítico quanto aos espaços no qual se encontram inseridas suas práticas.

Como modo de tensionar e dar a ver ações e projeções educativas no espaço expositivo, Luis Camnitzer projeta repetitivamente, em fachadas de grandes museus ao redor do mundo, uma obra como convite aberto a se pensar as proximidades entre a arte e a educação através de seus espaços. O artista, curador educativo e crítico de arte, ao adesivar a frase “*O museu é uma escola: O artista aprende a se comunicar, o público aprende a fazer conexões*”, ganha a atenção de um público que se encontra fora da instituição cultural e o provoca a entrar e criar relações a partir do conhecimento e proximidade do sujeito com um espaço comum: a escola.



Imagem | 01

Entretanto, Larrosa (2018) nos aponta que um espaço que não é uma escola, só pode se aproximar desse lugar tornando-se, portanto, escolarizado. Para isso, esse lugar precisa ter quatro características próprias: um espaço (uma heterotopia de um espaço público), um tempo (uma heterocronia, que separa o tempo livre do tempo do trabalho), uma materialidade (ao revelar coisas de um mundo comum e transformá-la em matéria de estudo) e um exercício (um procedimento educativo). Apenas com essas características, próprias de um lugar público (como o museu), é que um espaço se aproxima de uma escola.

Sendo, desse modo, pensado através do espaço público e institucional, levando em conta o público visitante e as possibilidades de diálogo levantadas da mostra, o projeto curatorial tem como sede o MALG – Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, localizado no coração de Pelotas, ao sul do Rio Grande do Sul. Vinculado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, o museu de artes é um laboratório de processos curatoriais: espaço de ensino, pesquisa e extensão

Atualmente de casa nova, no centro da cidade, o museu de arte é um organismo acadêmico vivo que perpetua através da sua aproximação com estudantes e comunidade as relações de ensino e cultura herdadas do trabalho de D. Marina de Moraes Pires, desde a criação da EBA – Escola de Belas Artes Pelotense; são pilares estruturais mais antigos que o próprio museu.

Para desenvolver a exposição, o professor tem à disposição, além da equipe técnica do museu para auxiliar no processo e acompanhar todo o desenvolvimento desse; têm acesso também ao acervo do museu sede, disponível ao projeto. Dividido em 8 coleções (Coleção Leopoldo Gotuzzo, Coleção Faustino Trápaga, Coleção João Gomes de Mello, Coleção Escola de Belas Artes, Coleção Século XX, Coleção Século XXI, Coleção L. C. Vinholes e Coleção Antônio Caringi), o acervo conta com obras de ex-professores do instituto, de quando o Centro de Artes ainda era conhecido como EBA – Escola de Belas Artes de Pelotas; e obras de grandes artistas

consagrados pela crítica de arte nacional, como Cildo Meireles e Tomie Ohtake; até peças oriundas da cultura oriental, trazidas e doadas à instituição pelo artista/músico/poeta pelotense Luiz Carlos Lessa Vinholes. Através de levantamento junto da instituição, é possível encontrar registros de exposições anteriores e explorar novas possibilidades e potencialidades contidas no vasto acervo.

Diálogos entre acervo e o circuito local ainda podem ser criados, trazendo não só o público para a mostra, mas o contemporâneo como convite a renovar e ressignificar novos mundos comuns.

1.2. Justificativa / contribuição para o campo das Práticas Curatoriais

O projeto contribui dentro de dois campos de atuação: das práticas curatoriais, ao promover a aproximação, tanto da turma envolvida na escola, quanto dos técnicos atuantes no acervo do museu, com conceitos práticos que envolvem processos em curadoria, e com o funcionamento de sistema da arte; e das práticas educativas, tensionando esses espaços e ofícios e analisando, de forma crítica, os gestos das práticas contidas nos exercícios entre a curadoria e a educação.

Contribui ainda com a compreensão e visibilidade do acervo da instituição sede, com modo de pensar suas obras e ressignificar olhares proporcionados pela troca desses sujeitos e as vivências e experiências que os acompanham.

1.3. Endereçamento de público

Além dos habituais frequentadores do museu – de diferentes dimensões públicas, ou seja, o público local e uma grande parcela de visitantes espontâneos de todas as idades, além das visitas agendadas de estudantes e professores da rede pública e privada de ensino da cidade –, a experiência curatorial educativa destina-

se, sobretudo, aos agentes envolvidos no processo como um todo. Dessa forma, o projeto direciona o olhar ao gesto, observando de forma atenta aos fazeres contidos nas práticas do curador, do professor e dos demais sujeitos ativos, do museu e da escola, que ajudam a compor esse processo.

A partir do envolvimento do curador com a sala de aula, é necessário destacar a presença dos alunos que, certamente, serão agentes ativos no desenvolvimento da proposta, participando dessas práticas e se aproximando, de certo modo, do cenário artístico local.

Como parte do resultado, uma equipe educativa, prevista a participar do desenvolvimento da exposição junto do professor na instituição cultural, estará disponível para acompanhar o público durante visitas à exposição, a fim de provocar o público e refletir sobre os processos curatoriais e educativos que a envolveram do início ao fim. Ao público que optar por uma visita não acompanhada por um mediador, há ainda à disposição a opção de acompanhamento dos relatos e reflexões dos participantes do projeto através de gravações realizadas com os agentes convidados a respeito de suas experiências junto ao desenvolvimento do processo curatorial.

2. DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto, contido na aproximação e no entrelaçamento de práticas educativas e curatoriais, provocadas/proporcionadas tanto pelo contato do sujeito (curador / professor), com um espaço e tempo diferente ao seu, quanto do observar seu ofício através do outro; convida esses indivíduos a pensar e buscar novas potências e significados em seus gestos.

Na medida em que esses sujeitos se envolvem e se articulam dentro do projeto, alguns critérios de desenvolvimento, de um modo geral, necessitam de uma flexibilização e acabam por tomar caminhos que não podemos apontar no início da experiência. Sendo assim, como modo de estruturar esse projeto e tentar provocar e proporcionar novas e potentes experiências, um cronograma de ações antecipa etapas do desenvolvimento e dispõe as atividades que devem ser realizadas, por tempo e espaço. O cronograma geral está previsto e organizado de acordo com as etapas evolutivas do projeto. São elas:

- **SELEÇÃO DE SUJEITOS _ professor / curador _ (Pré-produção)**

Período de levantamento e análise de candidatos para atuarem como sujeitos críticos no projeto. Envolve o curador propositor e

a equipe técnica participante no projeto. Os critérios de seleção estão descritos com mais detalhes no item 2.1.

Duração: 04 semanas - de segunda-feira à sexta-feira, sendo 2 semanas dedicadas à cada ofício em questão. De acordo com o horário de atendimento do museu e das escolas visitadas.

- **CONTATO INICIAL _ (Produção)**

- a. Encontro inicial das partes
- b. Compartilhamentos: modos de operação (da aula / da exposição)
- c. Definição prévia do projeto a ser desenvolvido (da aula / da exposição)

Duração: 02 dias (durante 02 semanas | 04 horas/dia = 08 horas) – a ser agendado entre segunda-feira e sexta-feira, de acordo com o horário de atendimento do museu e da escola. Dedicado aos encontros e diálogos iniciais, no museu e na escola.

- **INVERSÃO DE ESPAÇOS _ escola / museu _ (Produção)**

Período destinado ao desenvolvimento de atividades propostas aos sujeitos convidados do projeto (curador / professor), interligadas por um tema comum. Envolve o curador e professor convidado, além da equipe participante no projeto (equipe técnica do museu, da escola e de registro/documentação do processo). Os critérios de atuação estão descritos com mais detalhes no argumento curatorial e no item 2.1.

Duração: 11 semanas (Escola_ 02 encontros por semana = 45min/dia | Museu_ 02 encontros por semana = 1h/ dia*) - a ser agendado entre segunda-feira e sexta-feira, de acordo com o horário de atendimento do museu e da grade de horários da turma na escola. *Ao contrário do período restrito da aula, vinculado ao cronograma da escola, o período previsto para atuação no museu pode ser flexibilizado.

- **ENTRE AS PRÁTICAS _ encontros de potências _ (Produção)**

- a. Levantamento do andamento
- b. Encontro de práticas / experiências

Duração: 11 semanas (01 encontros por semana = 02 horas/dia) – a ser agendado entre segunda-feira e sexta-feira, de acordo com o horário de atendimento do museu e da escola. Envolve o curador e professor convidado, além da equipe participante no projeto (equipe técnica do museu, da escola e de registro/documentação do processo). Dedicado ao compartilhamento das práticas, provocações, desafios e planejamento dos encontros subsequentes.

- **RESULTADOS _ exposição / ação educativa com alunos**

Momento destinado ao encontro das atividades desenvolvidas pelos convidados do projeto (curador / professor), interligadas por um tema comum dentro da exposição.

Duração: 03 horas - a ser agendado de acordo com o horário de atendimento do museu. Dedicado à abertura da exposição e encerramento do período de inversão de espaços e ofícios. Envolve o curador e professor convidado, além da equipe participante no projeto (equipe técnica do museu, da escola e de registro/documentação do processo), turma de alunos participantes do processo e o público em geral.

- **DIÁLOGOS DA EXPERIÊNCIA _ (Produção)**

- a. Discussão sobre resultados
- b. Levantamento e discussão das práticas em cada espaço

Duração: 04 horas - a ser agendado entre segunda-feira e sexta-feira, de acordo com o horário de atendimento do museu e/ou escola. Envolve o curador e professor convidado, além da equipe participante no projeto (equipe técnica do museu, da escola e de

registro/documentação do processo). Momento de finalização da produção do projeto, dedicado ao compartilhamento de experiências, posicionamentos e pensamento crítico.

- **CATÁLOGO E REGISTROS _ (Pós-produção)**

Período destinado ao desenvolvimento do catálogo da exposição e edição do material audiovisual captado pela equipe técnica. Inclui conversas com o professor convidado, com o curador convidado e o curador propositor, além da equipe participante do projeto, para (re)pensar ações e gestos contidos no processo.

Duração: 4 semanas - de segunda-feira à sexta-feira, durante horário comercial.

Duração total prevista = 23 semanas

04 semanas de pré-produção

15 semanas de produção (1 semestre letivo)

04 semanas de pós-produção

CRONOGRAMA - produção

(período: 15 semanas)

01	<p>CONTATO INICIAL _</p> <ul style="list-style-type: none">• Primeiro encontro entre professor e curador;• Compartilhamentos: modos de operação (conversa sobre experiências próprias, da sala de aula e da exposição);• Acompanhamento nos espaços de atuação: professor com curador no museu, curador com professor na escola;• Levantamento prévio de ideias para o desenvolvimento do projeto: possíveis temáticas para a aula e para a exposição.
----	--

02	<p>SOBRE OS OFÍCIOS _</p> <ul style="list-style-type: none"> • Habitando-se ao novo espaço e conhecendo a operação de modo geral; • Definição da ideia para o desenvolvimento do projeto: escolha da temática, para a aula e para a exposição.
03 - 13	<p>DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS _</p> <ul style="list-style-type: none"> • Professor no museu: Exercícios – escritas (texto de parede, folder, ...), escolha das obras, expografia e demais processos de desenvolvimento da exposição; • Curador na escola: Exercícios – discussão de textos críticos, apreciação de imagens e exploração de materiais.
14	<p>RESULTADOS _ encontro de práticas no ambiente expositivo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abertura da exposição ao público; • Ação educativa da sala de aula à exposição: experimento de mediação cultural com turma participante do projeto;
15	<p>DIÁLOGO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS _ análise e opiniões</p> <ul style="list-style-type: none"> • Impressões sobre resultados; • Levantamento e discussão das práticas e ofícios em cada espaço: Há exposição na sala de aula / sala de aula na exposição? Há práticas educativas no ofício do curador? Há práticas curatoriais no ofício do professor?

Tabela 1: Cronograma semanal descritivo - prevê as ações que caracterizam as etapas de produção do projeto. Fonte: autor.

2.1. Da seleção dos sujeitos (professor / curador)

O levantamento e análise de candidatos locais convidados para atuarem como sujeitos críticos no projeto será realizado pelo curador proponente do projeto, dentro do tempo já destinado à pré-produção do projeto. Os sujeitos selecionados serão convidados a participar do projeto curatorial educativo, ocupando o espaço do curador e do professor e se submetendo a uma troca de espaços e ofícios durante o período de produção/desenvolvimento do projeto.

CURADOR

Como convidado a ocupar o espaço do curador no projeto, o sujeito deve conter experiência prévia comprovada com curadorias de exposições, independente de temática ou proporção destas. Preferencialmente, curadores que possuem uma pesquisa dentro das práticas artísticas (de observação e acompanhamento de produção artística, de mapeamento relacionado ao circuito das artes local ou mesmo de outras exposições) se enquadram melhor na prática proposta, pelo envolvimento ativo com o campo e pela sensibilidade contida na produção desse tipo de conhecimento.

O sujeito disposto a ocupar esse espaço no projeto, por outro lado, não necessita possuir qualquer tipo de experiência com projetos ou atividades educativas, de cunho pedagógico ou educativo cultural institucional. A disposição e o envolvimento citado anteriormente são os requisitos chave para o desenvolvimento do projeto (discussão de textos críticos, apreciação de imagens e exploração de materiais).

PROFESSOR

Será convidado a ocupar o espaço do professor no projeto aquele que estiver lecionando, ativamente, em instituições de ensino básico de Pelotas, independente da faixa etária com que atua. Preferencialmente, professores dos anos finais se enquadram melhor dentro da prática proposta, pela proximidade de conteúdos teóricos no campo da arte com os conteúdos trabalhados dentro de sala de aula previstos para os anos em questão.

Referente à prática junto ao museu, algumas possibilidades relacionadas às práticas curatoriais podem ser dispostas depois de um levantamento prévio nos textos curatoriais e nos conjuntos de obras de exposições desenvolvidas e exibidas na instituição cultural anteriormente. Estando, desse modo, a cargo do professor selecionado, a abordagem do tema é aberto e deverá ser discutida e acertada através da relação entre esses dois sujeitos convidados.

Ainda sobre os sujeitos, é importante destacar que para o desenvolvimento da prática, os candidatos selecionados devem estar cientes que o projeto, a princípio, não se enquadra como atividade financeiramente remunerada. Devem, ambos, estar dispostos, de tempo e atenção, a participarem do projeto.

Das ações que se espera entre curador e professor, dentre o acompanhar o outro e do compartilhamento das práticas e provocações através dos encontros, há alguns critérios a serem discutidos e levantados em prática, como forma de potencializar as fricções entre esses espaços e ofícios.

2.2. Expografia

Além de observar as possibilidades dispostas no acervo, é também importante conhecer o espaço ao qual esse será inserido. O estudo do espaço expositivo antes mesmo de conter as obras em exposição é necessário para se entender os limites do espaço, que por vezes vão além do físico. E para auxiliar nesse exercício, técnicos e pesquisadores estarão à disposição para auxiliar sobre/durante as atividades.

Com muita iluminação natural e ambiente, o professor participante terá à disposição a Galeria Marina de Moraes Pires, no MALG. Dado por um enorme esforço e trabalho de D. Marina de Moraes Pires em 1949 – importante figura frente a criação da Escola de Belas Artes de Pelotas e, conseqüentemente, pelo que hoje é o Centro de

Artes e demais instâncias de arte e cultura da Universidade, como o Conservatório de Música e o próprio Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo –, a sala cujo nome é uma homenagem a professora foi adaptada e inaugurada em 2018 e, desde então, é responsável por exibir à comunidade exposições de acervo (como *EBA 70 Anos – da Escola de Belas Artes de Pelotas ao Centro de Artes da UFPel* e *Trajétórias: da formação à inserção no circuito*) e de artistas convidados que carregam forte influência na instituição que hoje se constitui como museu de arte da cidade de Pelotas.



Com formato retangular e espaço amplo, a existência de alguns painéis móveis, displays expositivos baixos, mesas e bancos permite que o trajeto do indivíduo seja explorado pela expografia com mais flexibilidade. A estrutura da instituição conta com um teto alto e paredes espessas, janelas estreitas e altas, limitadas pelos painéis expositivos criados para abrigar as mostras na sala. Por ser um prédio tombado, a fixação de obras em paredes, assim como adesivagem de textos e afins, fica restrita a esses painéis.

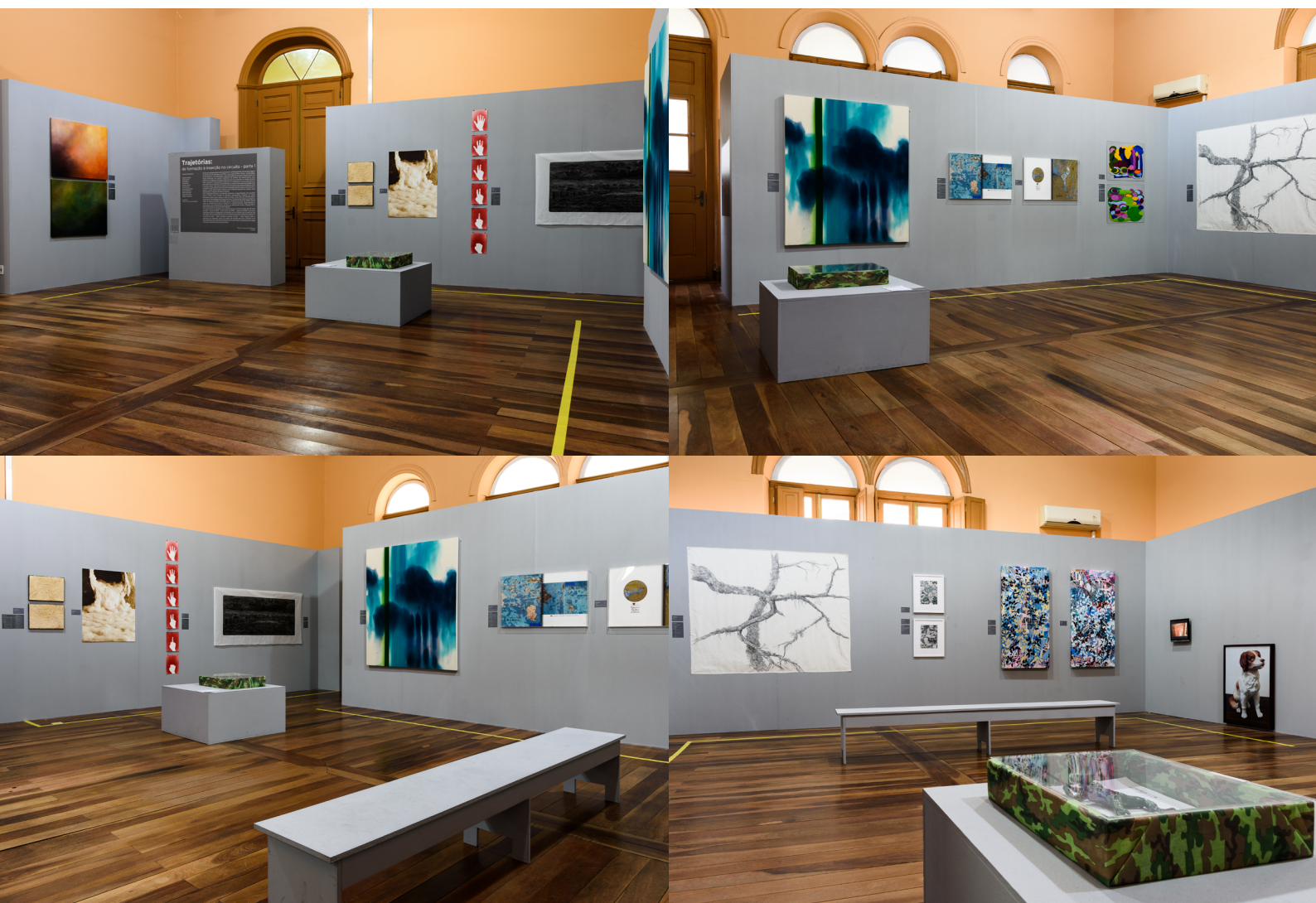


Imagem | 03

2.3. Ações Educativas

Como resultado da prática do curador dentro da escola, a ação educativa da exposição partirá do conteúdo trabalhado com os alunos, deslocando-os da sala de aula ao espaço expositivo. Com o mesmo tema da que será abordado na exposição a ser realizada no museu, o curador, dentro desse espaço e ofício outro, desenvolverá com esses alunos atividades que aproximem e façam pensar acerca desse tema, através de referências artísticas culturais presentes no cotidiano local desses indivíduos. Sem conhecimento prévio informativo das obras contidas na exposição ou ainda sem saber o que será exposto, esses alunos serão convidados a participar da abertura da exposição e a criarem diálogos com o público.

O exercício educativo/cultural proposto, pressupõe que, sem um conhecimento técnico/informativo anterior das obras, mas reconhecendo através de um ponto de vista estético/cultural a mesma temática trabalhada em sala anteriormente; esses alunos consigam, por si só, discutir sobre o que se vê a partir da sua relação com o tema refletido na exposição. Desse modo, a partir dessa dinâmica (de distanciamento e aproximação), será possível observar e tensionar questões e exercícios referentes à fruição estética, dentro e fora da sala de aula, e aos papéis usuais da mediação cultural, em seus diálogos como contato direto com as obras e com todo o seu entorno.

Ainda pensando as ações dentro da exposição, todos os agentes serão convidados a gravar áudios sobre seus processos e suas percepções da exposição, ambos para serem utilizados como sistema de audioguia, optativo e recomendado ao circular pela exposição. Essa ação, além de permitir um acompanhamento junto ao processo, ainda funciona como registro da prática e forma de ampliar a acessibilidade (para pessoas cegas, por exemplo) à mostra.

2.4. Catálogo e site / Documentação e registro

A partir do acompanhamento e registro dos processos e gestos, está previsto a criação de materiais, virtuais e audiovisuais ao término da exposição, como forma de documentação do projeto e como conteúdo educativo a ser explorado. Para isso, além do material em formato de catálogo da exposição, referente ao seu desenvolvimento e das obras selecionadas; um site será responsável por abrigar o conteúdo produzido, sendo alimentado durante toda a experiência e com o objetivo de se aproximar de educadores e pesquisadores da área de interesse, funcionando como um registro dos gestos dentro das práticas e seus entrelaçamentos.

A última etapa prevê um período de 04 semanas para criação e divulgação do conteúdo criado desde a pré-produção. Documentar esse processo permite o estudo posterior do processo curatorial contido na prática. No último encontro, então, curador e professor são, novamente, convidados a refletir e se posicionar criticamente através do relato de suas experiências. Partindo de ideias como “*há exposição na sala de aula / sala de aula na exposição?*”, “*há práticas educativas no ofício do curador?*”, ou “*há práticas curatoriais no ofício do professor?*”, os sujeitos fazem um levantamento e discussão das práticas e ofícios em cada espaço.

3. REFERÊNCIAS

imagens

01 - MALBA exhibe versão da obra o museu é uma escola, de Luis Camnitzer. Disponível em: <<https://cutt.ly/sf0jA85>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.

02 - Planta baixa da galeria Marina de Moraes Pires, do MALG – Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. (Fonte: Documentação - MALG, 2019).

03 - Fotos da exposição Trajetórias: da formação à inserção no circuito, na galeria Marina de Moraes Pires. (Fonte: MALG, 2019. Foto de: Daniel Moura).

referências textuais

BORBA, Andressa Cristina Gerlach. **Curadoria educativa em museus de arte: três perspectivas**. 2018. 196 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte, Porto Alegre.

CAMNITZER, Luis. **Educar é mais importante do que colecionar**. Revista seLecT, 2020. Disponível em: <<https://cutt.ly/Yf04OrU>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.

CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. **Agite antes de usar**. Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. 276 p.

HOFFMANN, Jens. **Curadoria de A a Z**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2017. 100p.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: Sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 528p.

LARROSA, Jorge. **Jorge Larrosa**: o museu não é uma escola. GZH – Cultura e Lazer, 2018. Disponível em: <<https://cutt.ly/pf0jxiW>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1.d. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 175p.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 532p.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Revista Moderno MAM Extra**, nº 5, abr/mai/jun 2016c. Disponível em: <<https://cutt.ly/Hf2eXPO>> Acessado em: 18 de setembro de 2020

RAMOS, Alexandre Dias. **Sobre o ofício do curador**. 1ª ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010. 176p.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. 2ª ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009. 72p.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 128p.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. 144p.

VERGARA, Luiz Guilherme. Curadoria Educativa: percepção imaginativa / consciência do olhar. Páginas 39-45. In: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. **Agite antes de usar**: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. Edições Sesc São Paulo. 2018, 276p.

Este projeto curatorial visa entrelaçar e friccionar os espaços e ofícios do curador e do professor através da substituição de seus fazeres. Pelo contato com o outro e com a prática do outro, esses sujeitos são convidados a observar e questionar suas próprias práticas (curatoriais e educativas) quando contidas dentro de um cenário que não pertence ao seu cotidiano. Por meio do exercício da atenção e do distanciamento de sua ação, o projeto pretende analisar o desenvolvimento dos gestos e da potência contida na experiência do olhar para si através do outro. O que, no ofício do curador, existe de professor? O que, no ofício do professor, existe de curador?